

No texto **B** a coerência sintagmática entre os textos que constituem as sequências final e inicial é, de certo modo, evidente. É interessante notar que grande parte da sequência inicial, bem como a totalidade da sequência final podem ser lidos como parte integrante do texto **A**. Isto só comprova a situação de interrelação entre os dois textos. Poderíamos dizer que *qualquer um é o outro refractado num outro registo*.

No que se refere à poesia III ele não é só nuclear no texto **B**, mas quase diríamos na intersecção de ambos.

Por um lado, redifine com limpidez a questão oblíqua de contradição entre livre-arbítrio e Providência, reencontrando a intenção primeira da obra: «Mas porque queima em nós uma paixão tão viva para descobrir os signos secretos de verdade?» isto é, *para filosofar?*

Por outro, apresenta a resposta teórica a esta questão, socorrendo-se da teoria platónica de reminiscência.

Finalmente, é na poesia III, que figurativamente aparece de forma explícita o próprio engendramento do texto: «*a meio caminho (...) entre duas verdades*».

Note-se finalmente, que esta leitura, segundo dois textos, já aparece enunciada na Prosa I, [parág. (1 a 7)], que pode assim funcionar como um programa de texto ou meta-texto.

*José Acácio Castro*

## O verdadeiro tomista segundo João de S. Tomás<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Para muitos conhecedores superficiais da teologia de S. Tomás de Aquino, o que caracteriza este autor, especialmente em temas de mariologia, é que negou o mistério da Imaculada Conceição de Maria. Isto é, afirmou que Maria, como criatura, teve que ser liberta do pecado, pois, caso contrário, a redenção não seria universal. A este respeito, assim nos diz João de S. Tomás:

«Sobre a matéria da concepção da Santíssima Virgem, duas coisas afirmou S. Tomás que hoje não se podem sustentar. Uma, porque se afirma ser erróneo que alguém, além de Cristo tenha sido concebido sem pecado original. Tal afirmação é expressamente contra a determinação de Sixto IV, Pio V, do Concílio de Trento e de outros Sumos Pontífices que declararam não ser erróneo dizer que a Santíssima Virgem foi preservada do pecado original, e proibem qualquer afirmação em contrário. Palavras de S. Tomás (Suma Teológica, I-II, q. art. 3): «Segundo a fé católica deve-se defender que todos os homens (somente Cristo excluído) descendentes de Adão contraem o pecado original: de outro modo não necessitariam da redenção por Cristo, o que é erróneo».

Outra afirmação de S. Tomás que não podemos subscrever: «Porque se ignora em que tempo a Virgem Maria foi santificada, celebra-se a festa da santidade antes que a da Conceição» (III, q. 27, ar. 2, ad 2).

<sup>1</sup> Para a biografia e bibliografia de Fr. João de S. Tomás, veja-se *Prefácio e Apêndices* à edição crítica do *Cursus Theologicus*, em publicação pelos monges de Solesmes, t. I (1931), pp. I-XCIII, e as magníficas obras de Pinharanda Gomes, *João de Santo Tomás na Filosofia do Séc. XVII*, Biblioteca Breve 1985; e a obra do mesmo autor *João de Santo Tomás, Antologia de textos*, Lisboa, 1985. Estas obras contêm a bibliografia que se tem publicado sobre João de S. Tomás. Entre esta quero fazer menção especial dos estudos de António Manuel Gançalves e Fr. João de Oliveira, O.P..

Ora, isto foi reprovado por Gregório XV no decreto em que se proíbe usar no officio divino o termo santificação em vez de conceição»<sup>2</sup>.

E em contrapartida, apresentava-se como gesto de amor a Maria a posição Escoto e dos franciscanos, que, desde outros pressupostos, defendem o mistério da Imaculada Conceição de Maria.

Por outro lado, dentro da escola tomista dominicana, um dos maiores e respeitadores comentadores clássicos de S. Tomás, o português, João Poinset, nascido em Lisboa, que em honra de S. Tomás de Aquino trocou o seu nome de família pelo de João de S. Tomás, segundo a doutrina do mestre e da escola, tinha que negar o mistério da Imaculada Conceição, como o fazia a maioria dos comentadores e discípulos de S. Tomás.

### JOÃO DE S. TOMÁS E A IMACULADA CONCEIÇÃO

No entanto, João de S. Tomás continuando a ser um verdadeiro tomista não negou o referido mistério e chegou a conciliar, de maneira maravilhosa, os princípios teológicos de S. Tomás com a doutrina da Imaculada Conceição e fê-lo com tal serenidade de espírito, rigor teológico e ponderação de estilo, que sem mais fontes de informação ficaríamos plenamente convencidos de que era um assunto que não suscitava dúvidas ou dificuldades<sup>3</sup>.

A atenção de João de S. Tomás sobre o mistério da Imaculada Conceição orientou-se para dois temas essenciais:

- 1) Primeiramente, demonstrou que S. Tomás distinguiu entre débito e pecado e admitiu a possibilidade de uma graça preventiva, sendo deste modo possível ser remidos por Cristo por meio de uma graça preservativa, sem contrair o débito do pecado. Assim se salvaria a unidade da redenção de Cristo no mistério de Maria Imaculada.
- 2) Em segundo lugar, demonstrou que S. Tomás, sem negar os princípios teológicos, havia acompanhado sem nenhuma

<sup>2</sup> JOANNIS A SANCTO THOMA, *Cursus Theologicus*, Disp. II, art. 1, n.º 2.

<sup>3</sup> O Dr. Raul de Almeida Rolo, O.P., no seu trabalho: *A Imaculada Conceição — Controvérsia acerca do seu culto entre dois teólogos portugueses*, publicado nas Actas da Pontifícia Academia Mariana Internacional, IV, Roma 1987, 133, diz-nos: «O nosso lisbonense (refere-se a João de S. Tomás), residente em Madrid desde 1609, pôde ser testemunha ocular do desacato da população à imagem de S. Tomás, passeando-a pelas ruas, voltada para a cauda de um asno, e apupando ao grito: «concebida sin pecado».

dificuldade a evolução e progresso da Igreja na aceitação do culto à Imaculada Conceição de Maria<sup>4</sup>.

João de S. Tomás queria deixar bem claro como esta doutrina — Mistério da Imaculada Conceição — não era contrária aos princípios teológicos de S. Tomás e não os utilizava, nem os tornava opostos à fé. E como S. Tomás se havia conformado com o sentir da Igreja do seu tempo, se agora vivesse, admitiria esse mistério sem dificuldade. A sua posição teológica ia ao encontro do que afirmava a Igreja de então sobre o momento da santificação.

Estamos convencidos de que se trata de afirmar que a estrutura do edificio tomista, apesar desta grave lacuna, continuava a ser válida.

Esta maneira de interpretar a doutrina do Doutor Angélico provocou acerbas críticas a João de S. Tomás, especialmente por parte dos seus irmãos dominicanos, que eram oficialmente os guardiães da ortodoxia de S. Tomás.

### CORAGEM DE FR. JOÃO DE S. TOMÁS

Reconhecemos também que, graças à sua coragem, saber, ponderação e amor à verdade, por cima de partidarismo e paixões, Fr. João de S. Tomás, dois séculos antes da definição dogmática da Imaculada Conceição, inclusivamente contra a corrente maioritária da sua escola teológica, indicou com decisão e clareza, o verdadeiro objecto do culto ao mistério da Imaculada Conceição de Maria: a festa da graça preservativa na pessoa de Maria de todo o pecado, em atenção aos futuros méritos de seu Filho e por especial privilégio do Pai Omnipotente, para a converter em digna mãe de Deus.

A João de S. Tomás devemos também o modo magistral e elegante como defendeu e harmonizou a opinião de S. Tomás — segundo os seus princípios teológicos — com o sentir da Igreja, e tirando-lhe o estigma de antimariano e suspeito em teologia.

Estes valores que sublinhamos em João de S. Tomás são muito mais valiosos e meritórios, pois conhecemos algumas das pressões que sofreu para abandonar esta maneira de interpretar S. Tomás.

Inclusivamente recebeu preceito formal do Mestre Geral da sua Ordem, Ridolfi, para abandonar a interpretação que havia dado à doutrina de S. Tomás relativa a esta matéria da Imaculada<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> JOANNIS A SANCTO THOMA, *Cursus Theologicus*, Disp. II, art. 2, n.º 14 e ss.

<sup>5</sup> *Archivum Generale Ordinis Praedicatorum* (AGOP), IV, 74.

A luta foi de tal ordem que um contemporâneo de João de S. Tomás e conterrâneo seu, o português Damião da Fonseca, chegou a dizer com este motivo: «Em vez de João de S. Tomás devia ser designado por Fr. João Anti-Tomás ou Contra-Tomás»<sup>6</sup>.

Numa carta do mesmo João de S. Tomás, dirigida ao Mestre Geral da Ordem Dominicana, Ridolfi, publicada por B. Reiser<sup>7</sup>, diz que prevendo a oposição, ponderou palavra por palavra sobre o que escreveu e decidiu uma especialíssima atenção ao que escreveu sobre este assunto<sup>8</sup>.

E é nesta mesma carta que João de S. Tomás afirma: «S. Tomás conheceu (admitiu) a graça preservativa e que ela se daria no instante da conceição... Eu neste ponto trabalhei (vejo que infrutuosamente) para manifestar nesta questão, de facto, nunca pretendeu S. Tomás nem a nossa Ordem outra coisa que não fosse aceitar e conformar-se com o sentir da Igreja»<sup>9</sup>.

## O VERDADEIRO DISCÍPULO DE S. TOMÁS

Quando se fala do verdadeiro tomista segundo João de S. Tomás, não podemos contentar-nos somente com esses cinco sinais ou notas distintivas que o mesmo João de S. Tomás nos dá no *Tratado de aprovação e autoridade da doutrina do Doutor Angélico* (Disputatio II, art. V). De facto, a nosso ver e numa primeira leitura, esses sinais empobrecem de tal maneira o pensamento do nosso lisbonense que, seguida essa teoria, o verdadeiro tomista seria um simples repetidor de S. Tomás.

Estamos convencidos de que esta maneira prática de interpretar o mistério da Imaculada Conceição de Maria é uma luz que ilumina e que dá pistas muito mais interessantes, para entender o que João de S. Tomás diz sobre o verdadeiro tomista.

Em primeiro lugar faz de S. Tomás um seguidor da doutrina da Igreja e isso, mesmo quando não o diga expressamente, manifesta com toda a clareza. Assim, referindo-se a S. Tomás diz: «No seu tempo ele aceitou o que a Igreja propunha. Se vivesse em nossos dias

<sup>5</sup> *Archivum Generale Ordinis Praedicatorum* (AGOP), IV, 74.

<sup>6</sup> Este e outros aspectos interessantes sobre este tema podem ver-se no trabalho do Dr. Raul de Almeida Rolo, citado na nota 3.

<sup>7</sup> *Archivum Fratrum Praedicatorum*, (1930) 398-407.

<sup>8</sup> *Ibid.*, I, 400.

<sup>9</sup> *Ibid.*, I, 406.

defenderia e aceitaria o que a Igreja defende e como a Igreja o defende a respeito dos diferentes pontos da doutrina da Igreja<sup>10</sup>.

Uma leitura atenta da Disputatio II, art. 3, dá-nos pistas muitíssimo interessantes sobre como ele compreendeu o ser discípulo de S. Tomás e como o pôs em prática. Isto é muito mais importante do que os cinco sinais de S. Tomás acima referidos.

Neste artigo 3, põe uma questão, entre outras, que no seu tempo era muito candente pela legislação especial que o Papa havia concedido aos (seus) jesuítas e que punham em questão a validade da doutrina de S. Tomás sobre a vida religiosa. Tratava-se de dizer se o voto simples faz ou não religiosos.

A resposta que dá João de S. Tomás é clarividente e de uma perspicácia verdadeiramente admissível. S. Tomás, diz, falou sempre no voto simples segundo era considerado, e não do que o decreto apostólico, depois dele, determinou. E também tal com a Igreja, em termos de S. Tomás, entendeu o estado religioso, e não como o entendeu depois<sup>11</sup>.

Nas respostas seguintes a possíveis erros de S. Tomás, intenta ver em primeiro lugar qual é o verdadeiro sentido dado por S. Tomás às diferentes questões. Aqui não se contenta com uma superficial e intenta ver as razões que levaram S. Tomás a fazer esta ou aquela afirmação e só depois é que dá as respostas. Esta metodologia foi com bastante frequência esquecida por muitos que se dizem seguidores e discípulos de S. Tomás. Aqui temos outra norma para ser verdadeiro discípulo.

No nosso modo de ver trata-se de salvar a autoridade de S. Tomás. Sem forçar nunca os seus pontos de vista, pretende-se harmonizá-los com o conjunto da obra e das intenções e razões mais profundas de S. Tomás e das interpretações da Igreja docente.

O verdadeiro discípulo de S. Tomás não é um mero repetidor da doutrina do mestre, é um autêntico intérprete que ao mesmo tempo que clarifica vai procurando a verdade.

A este respeito diz-nos Pinharanda Gomes:

«Em Alcalá, Pedro de Taipa, O. P. manterá a defesa do critério dominicano e passa oportunamente o encargo a João de Santo Tomás, que pretendeu demonstrar a heterodoxia das interpretações tomistas situadas fora do que deveria ser um tomista em progresso na

<sup>10</sup> *Ibid.*, n.º 10.

<sup>11</sup> *Ibid.*, n.º 3.

fidelidade. João de Santo Tomás não podia, em virtude da proibição pontífica, reabrir a questão dos auxílios (*De Auxiliis*), mas podia tentar uma demonstração de que havia, a par do tomismo integral, um tomismo marginal possesso de erro e, pois, um não tomismo.

Entregou-se à tarefa no tratado do Curso Teológico intitulado: «sobre a aprovação e autoridade da doutrina do Doutor Angélico», escrito, já para traçar o seu caminho doutrinal, já para combater as teses e proposições que a teologia do seu tempo fundamentava em Santo Tomás, já para combater o tomismo derivado de Molina, de Suárez e de Vásquez. Teve o cuidado de sublinhar a ausência de paixões no seu espírito: «Nada do que vimos dizendo é ditado por qualquer ciúme ou inveja. São apenas considerações gerais que não pretendem de modo nenhum aludir a determinadas pessoas. Podemos afiançar, de resto, que não é tal a adesão à doutrina do Aquinense, que excluamos da nossa estima as Escolas dos outros Mestres. Longe de nós a injustiça de regatear a devida veneração aos grandes homens que floresceram e florescem ainda, embora se afastem de Santo Tomás, pois como ele mesmo ensina, fundam-se em Aristóteles, na escolha ou no repúdio das opiniões não devemos deixar-nos influenciar pelo amor ou pelo ódio à pessoa que as traduz, mas só pela certeza da verdade; portanto, devemos estimar a todos, tanto esses cuja opinião adoptamos como esses cuja opinião repudiamos; pois tanto uns como outros suaram em busca da verdade e assim nos ajudaram a descobri-la. Contudo, é preciso que nos deixemos guiar antes pelos mais seguros, isto é, devemos preferir a opinião dos que atingiram a verdade com os olhos mais certos»<sup>12</sup>.

Estas palavras de Pinharanda Gomes introduzem-nos na defesa que João de S. Tomás faz do Mestre.

### OS CINCO SINAIS DO VERDADEIRO DISCÍPULO DE S. TOMÁS

Esses cinco sinais estão apresentados dentro do marco teológico onde o argumento de autoridade é importante e depois de assinalar, com toda a atenção qual é a verdadeira interpretação que S. Tomás deu a esta ou aquela doutrina. Eis aqui as palavras do Papa Urbano V, na carta dirigida aos tolosanos à doutrina de S. Tomás:

«Em virtude de presente, mando-vos que sigais a doutrina de S. Tomás como verdadeira e católica e ponhais todo o vosso empenho em ampliá-la»<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> PINHARANDA GOMES, *João de Santo Tomás na filosofia*, 53 ss.

<sup>13</sup> JOANNES A SANCTO THOMA, *Cursus Theologicus*, Disp. I, art. 2, n.º 17.

### AS COISAS QUE CONDUZEM A UMA VERDADEIRA INTELIGÊNCIA DE S. TOMÁS

Este é o enunciado do artigo V da *Disputatio II*. Nele afirma que entendemos plenamente a doutrina de S. Tomás, sem de nenhum modo nos afastarmos dela. É preciso captar-lhe o vigor para verdadeiramente a compreender. Mas isto depende mais de uma graça divina do que das condições do discípulo. E prova isto dizendo que a Igreja pede a Deus para que nos permita entender com o entendimento o que S. Tomás ensinou<sup>14</sup>.

E continua a dizer que alguém não deixa de ser verdadeiro tomista se não consegue totalmente compreender a mente do angélico. Isto pode acontecer por debilidade da nossa mente e pela profundidade da sua doutrina. No entanto, todo aquele que queira chamar-lhe tomista deve seguir a doutrina de S. Tomás e dedicar-se com todas as suas forças a ampliá-la<sup>15</sup>.

Creio que, depois destas notas introdutórias, chegou o momento de apresentar textualmente os cinco sinais que devem acompanhar aquele que João de S. Tomás considera tomista. Transcrevo da tradução de Pinharanda Gomes:

«Para julgarmos quais são os verdadeiros discípulos de Santo Tomás podemos basear-nos sobre alguns sinais que os caracterizam:

1.º

Quando não há razão que manifeste clara e evidentemente o pensamento de Santo Tomás como devendo ser seguido, nem motivo suficiente que justifique a nossa posição, o melhor indício para descobrir os verdadeiros intérpretes da sua doutrina é o facto de eles aderirem e serem os continuadores daqueles que, através dos tempos, foram considerados seus discípulos e aderiram à sua doutrina.

Para discernir as linguagens e as famílias, o critério de maior peso para determinar qual é a verdadeira, é a sucessão ininterrupta. Ora desde há tantos anos e até desde o tempo do próprio Santo Tomás, foram sempre considerados seus discípulos os que lhe seguiram as pegadas e o compreenderam como Hervé, Capréolo, Ferrarense, Victória, Soto, Flandria e outros semelhantes. Portanto devem

<sup>14</sup> *Ibid.*, Disp. II, art. 5.

<sup>15</sup> *Ibid.*

ser olhados como discípulos de Santo Tomás e verdadeiros tomistas os que trabalham na linha e sucessão destes intérpetes, linha que remonta ao Mestre, e não aqueles que se gabam de ter descoberto outra interpretação nova atacando ou corrigindo os precedentes.

Como acertadamente observa Tertuliano, nós os católicos não temos outro argumento para apresentar aos hereges acerca da autêntica interpretação das Sagradas Escrituras senão mostrar-lhes que remontamos por continuada sucessão à primeira tradição da fé e às Igrejas fundadas pelos Apóstolos.

«Toda a geração, diz o citado autor, tem que remontar à sua origem». E daí urge que só devem ter por autênticas e isentas de adulteração as Escrituras que chegam até nós, de mãos para mãos, através da sucessão das Igrejas.

Outro tanto se pode dizer da doutrina tomista, é, sobretudo, remontado à sua origem que melhor se pode julgar da sua autenticidade; serão seus verdadeiros intérpetes e dignos do nome de tomistas os que, desde o tempo de Santo Tomás, se sucederam uns após outros e sempre foram apontados como os seus autênticos discípulos. E, sendo assim, os que entram actualmente na linha dessa sucessão e trabalham nas suas fileiras, também merecem ser contados entre os discípulos do grande Mestre.

## 2.º

A segunda característica do verdadeiro discípulo de Santo Tomás está na atitude que se toma para com a doutrina tomista. Quem não trabalha principalmente com o intuito de a defender e de resolver as suas dificuldades, mas pelo contrário, toma pretexto para a repudiar sem tratar primeiro de a explicar e esquadriñar o seu verdadeiro sentido, esse não se mostra seu discípulo autêntico e genuíno. O apego à doutrina do Santo Doutor e o esforço em a defender e desenvolver é, na verdade, o mais frisante sinal que distingue o seu verdadeiro discípulo, mesmo se, por vezes, a sua fraca inteligência e a profundidade das dificuldades o impedem de compreender o Mestre a fundo e, por isso, repudie alguns pontos. Mas se faltar aquela afeição e aquele esforço, se não houver preocupação em desenrolar o verdadeiro sentido das questões, também não haverá preocupação em merecer o nome de Tomista. Com efeito, os que entram nesta categoria não «procuram com todas as forças desenvolver a doutrina do Mestre» mas preferem achar pretexto para lhe voltar as costas. No entanto, é o que mais recomenda Urbano V aos

sequazes da doutrina de Santo Tomás: «que vos esforceis com todas as forças por desenvolver a sua doutrina».

Ora como podem desenvolvê-la aqueles que preconcebem pretexto para não a seguir? Portanto todo aquele que se alista na milícia dos discípulos de Santo Tomás deve ser julgado segundo a afeição que votar ao próprio Mestre e à sua doutrina, pois o nosso primeiro dever a cumprir é o amor ao próprio autor cuja doutrina desejamos seguir.

## 3.º

A terceira característica do verdadeiro discípulo de Santo Tomás é procurar na exposição do seu pensamento, o maior lustre e glória para o mestre e não a reivindicar para a sua opinião própria nem buscar a fama e a novidade das opiniões. É este, sem dúvida, um dos indícios mais certos do autêntico discípulo. «É verdadeiramente severo, adverte S. Bernardo, se, da muita glória do teu Senhor que passa por ti, nada ficar apegado às tuas mãos. Então, a tua luz brilhará diante dos homens não para glorificação tua mas do Pai que está nos céus».

Que o verdadeiro discípulo de Santo Tomás empenhe os seus esforços em zelar não a sua própria glória, mas sim a do Mestre. De contrário, não seria «desenvolver com todas as forças a doutrina de Santo Tomás», mas antes atrair as atenções para a opinião própria e procurar o seu próprio engrandecimento, os aplausos e a glória. E, por conseguinte, discípulo do mestre em verdade e de coração quem for zeloso pela glória dele e pelo desenvolvimento da sua doutrina, não buscando a auréola para si.

## 4.º

A quarta característica do verdadeiro tomista está na maneira de defender a doutrina de Santo Tomás. O que se afirma seu discípulo autêntico não se contenta em segui-lo e concordar com as suas conclusões; deve abster-se, além disso, de rejeitar as suas razões, procurando antes explicá-las e esclarecê-las; e se por ventura surgem afirmações aparentemente contraditórias em diversas passagens, procura esclarecer a sua mútua concordância. É deste modo que mais trabalha no desenvolvimento da doutrina de Santo Tomás.

Como poderia ter-se por seu discípulo o que despreza as suas razões? Como há-de ter por Mestre e venerá-lo como um dos seus principais Doutores, se não pondera as suas razões? Sem razões não

há ciência nem doutrina. Portanto, aquele que se recusa a aprovar as razões em que se baseia o Santo Doutor, já se vê que não o quer por Mestre.

Ora isto, não é desenvolver a sua doutrina, é truncá-la, é alterá-la. Portanto, quem assim proceder não é verdadeiro discípulo de S. Tomás, nem corresponde ao desejo e exortação de Urbano V.

## 5.º

A quinta característica da verdadeira descendência intelectual de Santo Tomás, é a maior união em seguir a sua doutrina e a linha por ele traçada. Com efeito, a divisão numa doutrina torna-se suspeita e faz duvidar da sua veracidade. Ao passo que «a verdadeira sabedoria, como diz Dionísio, é de natureza a congregar muitas opiniões, num só conhecimento verdadeiro e uniforme e a abraçá-lo sobre um «lúmen unitivo único». A estas palavras acrescenta Santo Tomás: «aqueles que conhecem a verdade estão unidos ao mesmo pensar, mas os que a ignoram andam divididos por vários erros».

Podemos, pois, afirmar que, onde reinar a maior união em seguir a doutrina de Santo Tomás, aí haverá tanto melhor disposição para chegar a possuir o seu verdadeiro pensamento; e nisso está um edifício claro de verdadeiro tomista<sup>16</sup>.

### O DISCÍPULO CONVERTE-SE EM GUIA PARA IR AO MESTRE

Um dos grandes desafios que teve de sofrer a doutrina da Igreja é a orientação filosófico-teológica que, partindo da metafísica e teoria do conhecimento de Descartes, com as influências do empirismo inglês e o forte impacto de Kant, chega a constituir-se no que se chamou «modernismo». A condenação do Papa S. Pio X na Encíclica «Pascendio» não foi suficiente, embora muito importante, pois atingiu fundamentalmente as plantas mas não chegou ao terreno, pelo menos com força suficiente. O clima filosófico no qual a referida doutrina havia nascido e continuava a alimentar-se manifestava grande pujança e apresentava-se como aliado do progresso e da consonância com os sinais dos tempos, ao passo que a doutrina de S. Tomás e aquilo que soasse a Escolástica eram rotulados de integristas e de inimigos do progresso e dos avanços da ciência moderna.

Os homens de visão aperceberam-se que havia que lutar contra esta maneira de ver as coisas em outros campos e procurá-lo com outras armas.

Um dos grandes homens de Igreja e tomista de renome, Jacques Maritain, diz ao seu famoso «Antimoderne» 2.ª ed., p. 126: «A raça intelectual tomista é uma raça metafísica antes de mais nada». É nesta perspectiva que temos de tentar compreender o regresso a João de S. Tomás, para através dele, ir a S. Tomás. Este regresso intentava ser um meio de resolver os problemas daquele tempo.

Pinharanda Gomes diz-nos a este respeito:

«A teologia clássica francesa é o verdadeiro descobridor de João de Santo Tomás que, mediante o mestrado de Garrigou-Lagrange no «Angelicum»<sup>17</sup>, se vê assumido como o guia espiritual da opção contrária ao modernismo. A revista *Vie Spirituelle* dá guarida aos estudos de Benoit Lavaud e às traduções de trechos do comentador feitas por Raissa Maritain. F. X. Maquart e Eduardo Hugón apoiam os seus cursos elementares de Filosofia no tomismo «Doutor Profundo», e o teólogo A. Gardeil privilegia o seu tomismo da inspiração no comentário de João de Santo Tomás. A par de França, León Noel, na Bélgica, apoia as suas teses epistemológicas e gnoseológicas no realismo imediato do filósofo lisbonense.

Enquanto a filosofia alemã de análogo cariz segue idêntica orientação, sobretudo na obra de José Gretdt, ainda que o eco expansivo seja menor, nas escolas de Espanha, João de Santo Tomás como que se torna ponto compulsivo de referência, mediante as teses exegéticas e críticas de Leopoldo Palácios, Santiago Ramirez, Menéndez Reigada.

O Neotomismo socorre-se igualmente do «Doutor Profundo», nas Américas, tanto na obra do argentino Octávio Nicolás Dirisi, como nos norte-americanos James Mark Egan e Walter Dominic Hughes (tradutor do tratado sobre «Os Dons do Espírito Santo») e nos demais, reunidos na revista *The Thomist*. Igual interesse foi revelado no Canadá, onde a quantidade de teses sobre o pensamento de João de Santo Tomás sobreleva em muito quanto a nossa imaginação possa supôr, como de resto se acha documentado em extensa

<sup>17</sup> Não podemos esquecer-nos que o actual Pontífice, João Paulo II, se formou na sua última etapa—doutoramento—no Angelicum de Roma e precisamente tendo como director de tese o Mestre Garrigou-Lagrange. Registo este dado, que aparentemente é irrelevante, mas estou convencido de que pode dar pistas interessantes para compreender muitas coisas do actual Pontífice.

<sup>16</sup> PINHARANDA GOMES, *João de Santo Tomás na filosofia*, 91-94.

notícia sobre a actualidade do Comentador, notícia essa elaborada por António Manuel Gonçalves»<sup>18</sup>.

Pela nossa parte dizemos que em nossos dias a Igreja católica, depois de várias experiências, perdeu essa base doutrinal e filosófica, que, desde S. Tomás, ia dando corpo e unidade à sua doutrina.

### REGRESSO A S. TOMÁS

Eu penso que um regresso a S. Tomás, aproveitando o que fez João de S. Tomás e fazendo a este o que fez a seu mestre, pode ser um caminho que dê uma base teórica à doutrina da Igreja. Com isto não queremos afirmar que seja a única, mas pensamos que vale a pena intentá-lo. O caminho aberto pelo «modernismo» já não serve e a própria doutrina do Concílio necessita de um suporte e de uma explicação humana ou filosófica.

Este centenário do nascimento de João de S. Tomás teria que ser para Portugal um desafio. As bases, que são as edições críticas das obras filosóficas e teológicas, estão feitas e são um instrumento de trabalho excepcional. O caminho que iniciou a teologia clássica francesa continua a ser um repto, pois os problemas de hoje não são de fórmulas ou de palavras. Já no seu tempo Kant nos dizia:

«Ouvem-se aqui e ali repetidas queixas contra a pobreza do pensamento em nossa época e contra a decadência da ciência fundamental; mas não creio que às que têm bem fundamentadas as suas bases, como a matemática, a física, etc., possa dirigir-se semelhante queixa, antes pelo contrário, não só sustêm a antiga reputação de solidez, mas também ganharam em firmeza em nossos tempos. O mesmo facto observaríamos seguramente nos outros ramos do saber humano, se a primeira coisa que neles pretendêssemos fosse a rectificação dos seus princípios. Porque isto não se tem feito, cremos que a indiferença, a dúvida e por último uma reserva crítica são antes sinais de um pensamento profundo. E a nossa época é a própria da Crítica, à qual tudo há-de submeter-se. Em vão pretendemos escapar dela a religião, por santa e a legislação por magestosa, que excitarão então por motivadas suspeitas e não poderão exigir o sincero respeito

<sup>18</sup> PINHARANDA GOMES, *João de São Tomás*, 16-17.

que só concede a razão ao que pode enfrentar um exame público e livre»<sup>19</sup>.

Com estas palavras do Mestre Kant terminamos o nosso artigo sobre o verdadeiro tomista segundo João de S. Tomás.

*João José Gallego Salvadores, O.P.*

Professor da Faculdade de Teologia de S. Vicente Ferrer, de Valência, Espanha

<sup>19</sup> I. KANT, *Crítica de la Razón Pura*. I, trad. de José Perojo, Buenos Aires, 1967; p. 121 em nota.